

O OLHAR, A LEITURA E O PROJETO DE ARQUITETURA

RIBEIRO, PATRICIA PIMENTA AZEVEDO

Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design

Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco I – Campus Santa Mônica – 38.408-100

Uberlândia-MG – Fone/Fax: (34)3239.4373

pparibeiro@ufu.br

Palavras-chave: projeto/ teoria e prática / introdução à prática projetual

Apoios:

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Este texto aborda os requisitos que acreditamos serem importantes para a formação do arquiteto que, por sua vez, também serão importantes no processo de se pensar o projeto. O texto parte do princípio que arquitetura é um campo do conhecimento e, projetar é um caminho para esse conhecimento. Argumenta sobre a importância da teoria e fala da relação indissociável entre teoria e prática. Apresenta a prática do projeto como pesquisa, investigação e reflexão teórica e mostra a importância do olhar do arquiteto, em ler e analisar projetos e espaços arquitetônicos para subsidiar sua visão crítica e ampliar seu repertório e seu conhecimento teórico. Por fim discorre sobre o ato de projetar.

1. Introdução

Como devemos introduzir o futuro arquiteto e urbanista à prática de projeto? Quais são os caminhos menos árduos tomados pelo professor para mostrar ao estudante como se chega a uma constituição de juízo de valor crítico de projeto? Como mostrar que a influência desses valores no ato do projeto trará qualidade espacial? Essas reflexões e possíveis respostas estão contidas na construção do conhecimento e nas propostas de desenvolvimento de projeto que o professor delineia no ateliê de ensino.

O presente texto está estruturado em uma explanação dos requisitos que acreditamos serem importantes para a formação do arquiteto que, por sua vez, serão importantes para pensar o projeto.

Segundo Lúcio Costa (1952)(COSTA, 1995, p.246) arquitetura é *“construção concebida com uma intenção plástica determinada, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa”*. Portanto arquitetura é um campo de conhecimento que abrange atividades artísticas, técnicas, econômicas, sociais e históricas e o ato de projetar é um caminho para o conhecimento da arquitetura. Os processos para pensar o projeto enfatizam ou mesmo ressaltam, trabalham e selecionam, como diretriz de raciocínio, algumas ou todas essas áreas.

Compreendendo assim que arquitetura é um campo do conhecimento, reconhecemos que existem teorias pertinentes às suas configurações espaciais. Teorias, que discutem paisagens, pátios, circulações, iluminações, e outros tantos elementos na arquitetura e como acontecem suas relações. Conhecer teorias de arquitetura auxilia ao projetista na concepção de projeto, assim, na medida em que acumulamos conhecimentos, com mais facilidade inserimos nosso juízo de valor sobre o espaço a ser criado. Com mais facilidade definimos os critérios que irão nortear o trabalho.

Para Helio Piñon (2006, p.12) *“a teoria’ (...) é uma tentativa de encontrar, por meio da reflexão, explicação para questões que resistem à aplicação do sentido comum”*. Com inserções críticas o professor, em ateliê de ensino de projeto, cria um suporte para o caminho do conhecimento da arquitetura.

Lembremos que vários arquitetos modernos ou mesmo contemporâneos refletiram/refletem e escreveram/escrevem sobre o espaço arquitetônico e ao mesmo tempo trabalharam/trabalham com concepção de projeto de arquitetura. Reflexão e projeto, um dando subsidio ao outro. É impossível dissociar teoria e o ato de projetar, pois um depende do outro. Teorizamos sobre o raciocínio, critérios, e valores nos nossos projetos. Segundo NESBITT (2006, p.15) *“a teoria da arquitetura (...) oferece soluções alternativas a partir da observação da situação corrente da disciplina e propõe novos paradigmas de pensamento para o tratamento de seus problemas” (...)* *“A teoria trabalha em vários níveis de abstração, avaliando a arquitetura como profissão, as intenções dos arquitetos e sua relevância cultural em geral. Ela se ocupa tanto das aspirações da profissão como de suas realizações práticas.”*

O arquiteto detém teoricamente o conhecimento do campo da arquitetura e no ato de projetar ele seleciona e impõe critérios, pensa uma espacialidade com fins de edificar de construir. Quando estamos projetando estamos refletindo teoricamente e ao mesmo tempo estamos pesquisando outros espaços, outras formas de relacionar os elementos

arquitetônicos e de configurar o espaço. O projeto pode ser visto assim, como pesquisa não somente na busca de outras relações espaciais similares, mas quando pesquisa o contexto, a situação topográfica, as questões ambientais. Aliás, na pesquisa de espaços similares o arquiteto deve ter o cuidado de não deixar o seu projeto como cópia de outros, ou mesmo como mera citação.

O estudante deve trabalhar com a bagagem que ele traz consigo, das experiências espaciais que ele já vivenciou, mas tem que agregar a isso outros conhecimentos, outras referências e especulações. Cada projeto é um novo objeto de estudo e necessita uma pesquisa do local, da paisagem, da cultura, das ações e relações, das potencialidades possíveis do lugar, com o intuito sempre de fazer descobertas. É necessário ver o projeto como pesquisa, como investigação, como forma de construção e desenvolvimento da arquitetura. Um conhecimento arquitetônico analítico, crítico e reflexivo.

Para adquirirmos esse conhecimento precisamos saber olhar e saber analisar. Assim para falar do processo de projeto, da concepção de projeto arquitetônico, gostaríamos primeiro de discorrer neste texto sobre o olhar, que é a aplicação do sentido da visão com atenção, examinando, estudando e pesquisando. Segundo Helio Piñon o olhar é “a capacidade de reconhecer valores”. Na sequência discorreremos sobre a importância de leituras e análises espaciais, na construção de um repertório e como formador de posição crítica e conhecimento teórico. Acreditamos que também devemos discutir com o estudante sob a ótica da visão que ele já tem, já trouxe consigo e como ele enxerga o espaço urbano e arquitetônico, como ele lê o que tem qualidade espacial, como ele identifica os valores espaciais.

Exemplificamos essa proposta com um exercício interessante a ser feito com os alunos do primeiro ano (Figura 1). Numa primeira etapa solicitamos que eles selecionem e analisem um espaço urbano / arquitetônico da cidade escolhido por eles, utilizando a visão de pássaro fornecida pela imagem aérea da ferramenta do *Google Earth*. Essa ferramenta é hoje muito próxima dos estudantes, mesmo aos ingressantes no curso e possibilita uma leitura visual da configuração urbana, permite percorrer a cidade, percebê-la e conhecê-la. Depois solicitamos que o estudante vá até o local que escolheram, agora com o observador ao nível do solo, verificando se os aspectos elencados por eles na visão aérea realmente qualificam o lugar. Nestas duas estratégias de observação da cidade objetiva-se também que o aluno perceba a representação em planta e a representação das elevações, e compreenda que uma informação completa a outra.

Encontramos proposta semelhante com o exercício “Andar como prática urbana” apresentado pelo Grupo de Investigação “Construcción de lo Público” da Facultad de Arquitectura y Diseño da Universidad de los Andes na Colômbia.

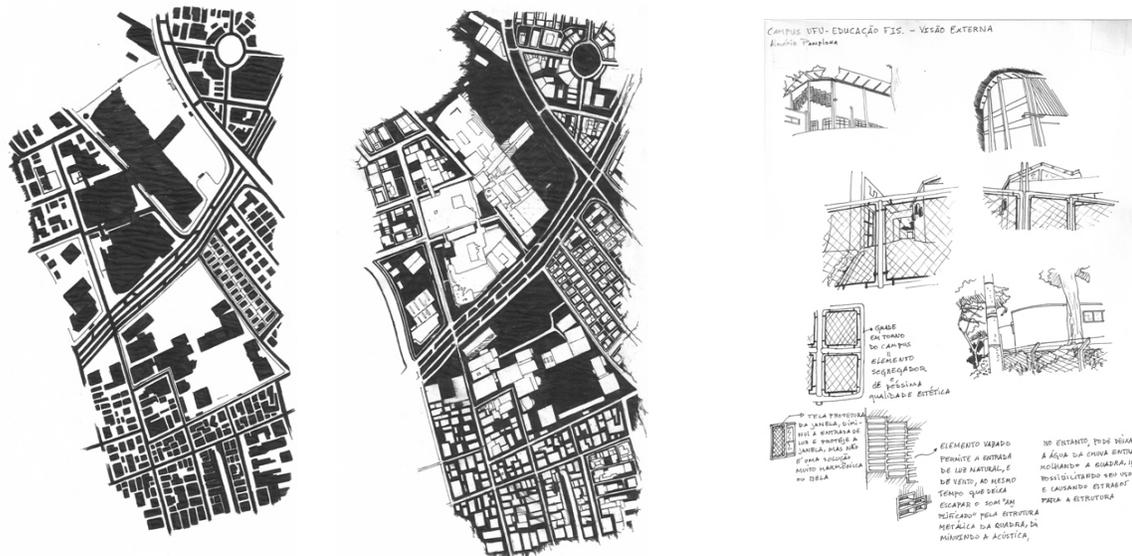


Figura 1: exercício do estudante Almério Pamplona - Api Introdutório/FAUeD/UFU
professores: Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro e Glauco Cocozza

2. Olhar

Para os arquitetos o olhar pode ser entendido com vários significados, mostramos aqui dois modos: o olhar como sentido estético e plástico, sentido de proporção, harmonia, definido nos ensinamentos acadêmicos como “educação do olhar”. E o olhar no sentido de aprender e apreender com o olhar. É esse último sentido que nos interessa discutir nesse texto. Segundo Padre Antônio Vieira “Nos olhos estão compreendidos todos os sentidos”¹.

Objetiva-se trabalhar com o estudante o “treinar o olhar” (não só da visão) olhar mais amplo, um olhar reflexivo e crítico. Se olhamos com o sentido de análise criamos ponto de referência, se temos ponto de referência temos base para discussão para proposição. Não estamos perdidos dentro de um burburinho de elementos, temos um horizonte. Segundo LEATHERBARROW (2002) – horizonte é uma perspectiva de vida, “um campo de existência, caracterizado não só pelas relações de distância, mas pela profundidade cultural e histórica, acumulada e renovada em todo encontro social, político e histórico da vida: medido pelos padrões e presença da força da tradição”. Para Leatherbarrow o horizonte confere orientação na arquitetura.

No texto “Janela da alma, espelho do mundo” Marilena Chauí cita o pintor Leonardo da Vinci com a frase “o espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.”ⁱⁱⁱ Essa citação nos lembra o depoimento de Oscar Niemeyer que diz que tem “um museu particular” e que guarda tudo aquilo que gostou na vida. Mas nossos olhos não são os mesmos sempre, o senso crítico nos faz ver de forma diferente a mesma situação. O conhecimento e a sabedoria geram o olho intelectual da observação. E a visão está relacionada como entendimento do mundo.

Defendemos que saber interpretar é de suma importância para o projeto de arquitetura, saber analisar, perceber, entender e compreender os sentidos, as ligações, articulações e conexões nos espaços. Ver o vazio e a espacialidade resultante de determinadas dimensões, as diferenças dessas espacialidades conforme nossos desenhos.

Em arquitetura conhecer passa por compreender o espaço, compreender a essência do espaço arquitetônico. Entendemos também que é importante permitir ao estudante que ele se apaixone pela arquitetura e urbanismo, pela profissão, pela atuação do arquiteto, assim nos ateliês de ensino devemos incentivar o conhecimento da arquitetura.

3. Ler e Analisar

Como se faz a construção do conhecimento no ateliê de prática de projeto? Uma proposta é através dos exercícios da análise e leitura de projetos, impressos em livros e revistas (ou mesmo em *sites*) e da análise *in loco*, vivenciada em espaços já edificados. A leitura de projetos trabalha com uma visão crítica da arquitetura e amplia o repertório do estudante; proporciona uma ampliação do vocabulário das espacialidades arquitetônicas. Através desse exercício, o aluno começa a entender o raciocínio do processo de desenvolvimento de projeto. O conselho do arquiteto Richard Meier aos estudantes é: “Olhe a arquitetura, experimente a arquitetura, isso é fundamental”.

Ao analisarmos os projetos de um concurso, percebemos como os arquitetos chegam a soluções diferentes tendo o mesmo programa, o mesmo local, as mesmas informações preliminares, porém a diferença entre eles está na opção do raciocínio, na diretriz de desenvolvimento da idéia, no olhar crítico do arquiteto em captar novas informações e gerar novo programa, na maneira em que olha o lugar, a história, as pessoas, as ações possíveis, na forma de abordar as tecnologias e técnicas construtivas.

Uma boa sugestão de metodologia para análise foi apresentada por LEUPEN (1999) - onde elenca os aspectos importantes na leitura e análise de projeto. Análise não é reproduzir fielmente o objeto em estudo, mas atuar com o olhar crítico, examinar os componentes do projeto, que sejam cruciais, tais como: sua composição, a relação entre desenho e contexto, a relação entre desenho, construção e utilização. Em síntese a análise da arquitetura, que depende do nosso conhecimento da teoria e história da arquitetura e do urbanismo, pode ser dividida em: análise espacial ou ordenação espacial, análise do contexto, análise formal e ou tipológica, de uso; análise técnica englobando estrutura, conforto, materiais; e por último análise do comportamento do homem no espaço. As análises dos projetos auxiliam também ao estudante na identificação e conhecimento das intenções que serviram de orientação às decisões do projeto, organizando-as em determinadas direções e excluindo algumas variantes. Pois projeto é escolha.

O desenho é um instrumento facilitador na leitura e análise. Podemos entender um projeto fazendo um novo desenho dele, uma abstração da realidade – croquis, esquemas e diagramas sintetizam a proposta do projeto. Quanto mais o estudante fizer croquis, mais ele se sentirá seguro para traçar as suas idéias.

Conforme BROWNE (1996, p.86) *“Em uma entrevista, perguntaram a um diretor de orquestra se ouvia muita música. Ele respondeu que o fazia tanto quanto qualquer aficionado, mas que lia muita música. Algo semelhante acontece com os desenhos de arquitetura: ao lê-los aparece mentalmente a imagem construída, os espaços, os percursos. Ler desenhos é uma maneira profunda de aprender; mas um costume que se está perdendo”.*

4. Conceber/ Projetar

Nesta parte do texto pretendemos discorrer sobre o ato de projetar e exemplificar com dois processos no ateliê de projeto 1.

Projetar é reflexão teórica-prática, e de acordo com Anne Marie Summer se referindo à frase de Jørn Utzon *“... o espaço se projeta num movimento intrincado entre reflexão e gesto, é a mão que pensa e a cabeça que desenha(...)”*. Projetar não é um ato de pré-concepção. A solução arquitetônica se faz com a reflexão e a prática da solução.

Após a primeira análise de conhecimento do contexto, a concepção do projeto – o ato de projetar – é um exercício contínuo e concomitante, em espiral: de Idéia – formação da

idéia – desenho/suporte – idéia – formação da idéia – desenho/ suporte ... verificação da idéia ... onde um não precede ao outro. Idéia, que é também imaginação, pensamento, reflexão, é decorrência de um repertório, de associações e de vivências. De acordo com Platão “idéia é a essência daquilo que se pode escutar, ver, tocar, sentir” ⁱⁱⁱ. Em arquitetura idéia gera um desenho do espaço.

O ateliê de ensino de projeto deve apontar ao estudante caminhos possíveis para projetar, dando a ele subsídios para desenvolver seu próprio processo de projeto. Não existe só um processo para conceber a arquitetura. Os critérios que norteiam o projeto são vários. Na proposta de ensino do Ateliê de Projeto 1 trabalhamos com dois processos para exemplificar ao discente que ele tem que reconhecer as suas próprias diretrizes que não necessariamente devem ser sempre a mesma. Conforme o objeto, o local ou as necessidades do trabalho ela pode adquirir um percurso de desenvolvimento. Contudo, ao contrário do que muitos colocam, o ateliê é um local para que o estudante experimente e conheça vários raciocínios de projeto.

O primeiro processo que abordamos no ateliê parte da criação de uma forma vazia tridimensional, que pode ser geométrica pura ou topológica. A partir da execução de uma maquete física tridimensional caberá ao estudante definir as condicionantes físicas do contexto (local, acessos, insolação, topografia) e estruturar a escala, a função, ações e usos e o programa de necessidades. O aluno insere até uma história naquele espaço vazio: está a beira mar, ou no centro de uma metrópole ou até mesmo no cerrado brasileiro. O objetivo principal desse exercício é o estudo da espacialidade, a compreensão do estudante da escala do homem, de como um espaço se modifica ante a escala. (Figura 2)

É importante que o aluno perceba o vazio resultante da forma, compreenda e defina as suas dimensões inserindo uma escala. Podemos entender melhor através do exemplo de Lucio Costa que nos contou sobre suas duas experiências práticas de arquitetura. A primeira em *“Atena, Acrópole: no último piso do embasamento escalonado, minha filha, encostando-se à coluna, sentiu que a concavidade das caneluras do fuste – que eram simples riscos nos desenhos da aula de Arquitetura Analítica – ajustava-se às suas costas; aí ‘sentiu’ o tamanho da coluna que subia para receber os enormes blocos da arquitrave, e o Parthenon então surgiu para ela, do fundo do tempo (25 séculos!), na sua verdadeira grandeza.”* (COSTA, 1995, p.118). A segunda tão singela quanto a primeira passa-se em Florença, em 1926, num pequeno hotel à beira do Arno: *“uma velha senhora inglesa ao me saber arquiteto vira-se e diz: ‘Eu também sou sensível à altura e*

largura dos cômodos e dos vãos'. Nenhum professor, na escola, me falara assim." (COSTA, 1995, p.118).

Em texto dos anos 1940, "Considerações sobre Arte Contemporânea", Lucio Costa abordou de forma magnífica o sentido e o significado de arquitetura e nos explica perfeitamente o seu caráter de permanência: "Enquanto satisfaz apenas às exigências técnicas e funcionais – não é arquitetura; quando se perde em intenções meramente decorativas – tudo não passa de cenografia; mas quando – fruto instantâneo de inspiração, ou de procura paciente – aquele que a ideou pára e hesita ante a simples escolha de um espaçamento de pilares ou da relação entre a altura e largura de um vão, e se detém na procura da justa medida entre 'cheios' e 'vazios', na fixação dos volumes e subordinação deles a uma lei, e se demora atento ao jogo dos materiais e seu valor expressivo, – quando tudo isso se vai pouco a pouco somando, obedecendo aos mais severos preceitos técnicos e funcionais, mas, também, àquela intenção superior que seleciona, coordena e orienta em determinado sentido toda essa massa confusa e contraditória de pormenores, transmitindo assim ao conjunto, ritmo, expressão, unidade e clareza – o que confere à obra o seu caráter de permanência: isto sim, é *arquitetura*" (COSTA, 1995, p.257).

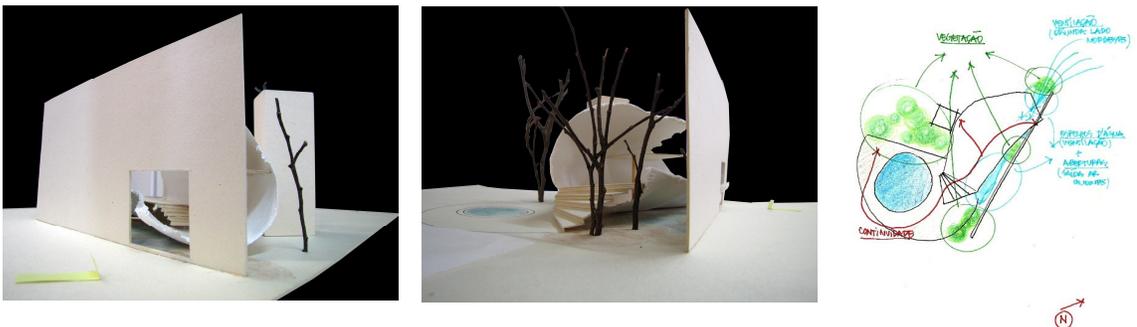


Figura 2 – Projeto do estudante Caio Vinicius Pereira – Api Introdutório/FAUeD/UFU/2010
professores: Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro e Henrique Vitorino Souza Alves

O segundo processo para pensar o projeto do espaço arquitetônico que trabalhamos no ateliê introdutório, ao contrário do primeiro exercício, entende o projeto como uma leitura da cidade, como uma leitura de um contexto. Dessa forma, inicia-se o exercício do projeto a partir de um procedimento Situacionista denominado Deriva: a técnica de conhecer o espaço urbano através de andar sem rumo, por ambiências diversas, "deixando-se levar pelas solicitações que a própria paisagem faz, à esmo, vagabundeando".(Figura 3)

O terminal urbano central da cidade é o ponto de partida para a deriva, o que possibilita ao estudante se aventurar por diversos percursos, a pé ou de ônibus. O resultado da

apreensão do espaço fica registrado em um mapa esquemático do percurso onde o projeto deve ser inserido.

As diretrizes do projeto estão vinculadas a definição de um programa e de suas necessidades a partir da percepção da cidade, o projeto deve atender ao usuário urbano. Ou seja, o estudante deverá reconhecer primeiro a cidade como um objeto de estudo e propor um projeto que atenda a uma demanda identificada por ele. Irá partir então das ações dos usuários para definir um programa. Invertemos nesse caso, a forma de pensar o projeto em relação ao primeiro exercício. Além disso, foi acrescentado também que o projeto deverá atender aos conceitos de flexibilidade e reconhecer as dimensões do corpo humano. Foi estipulada, em metragem quadrada, uma área máxima de intervenção e proposição. Exigiu-se que o aluno apresentasse um manual de uso do projeto e um manual de construção. O manual de construção tem sua importância embasada na reflexão que o arquiteto é também um construtor e que “o prédio ganha valor quando é detalhado”.

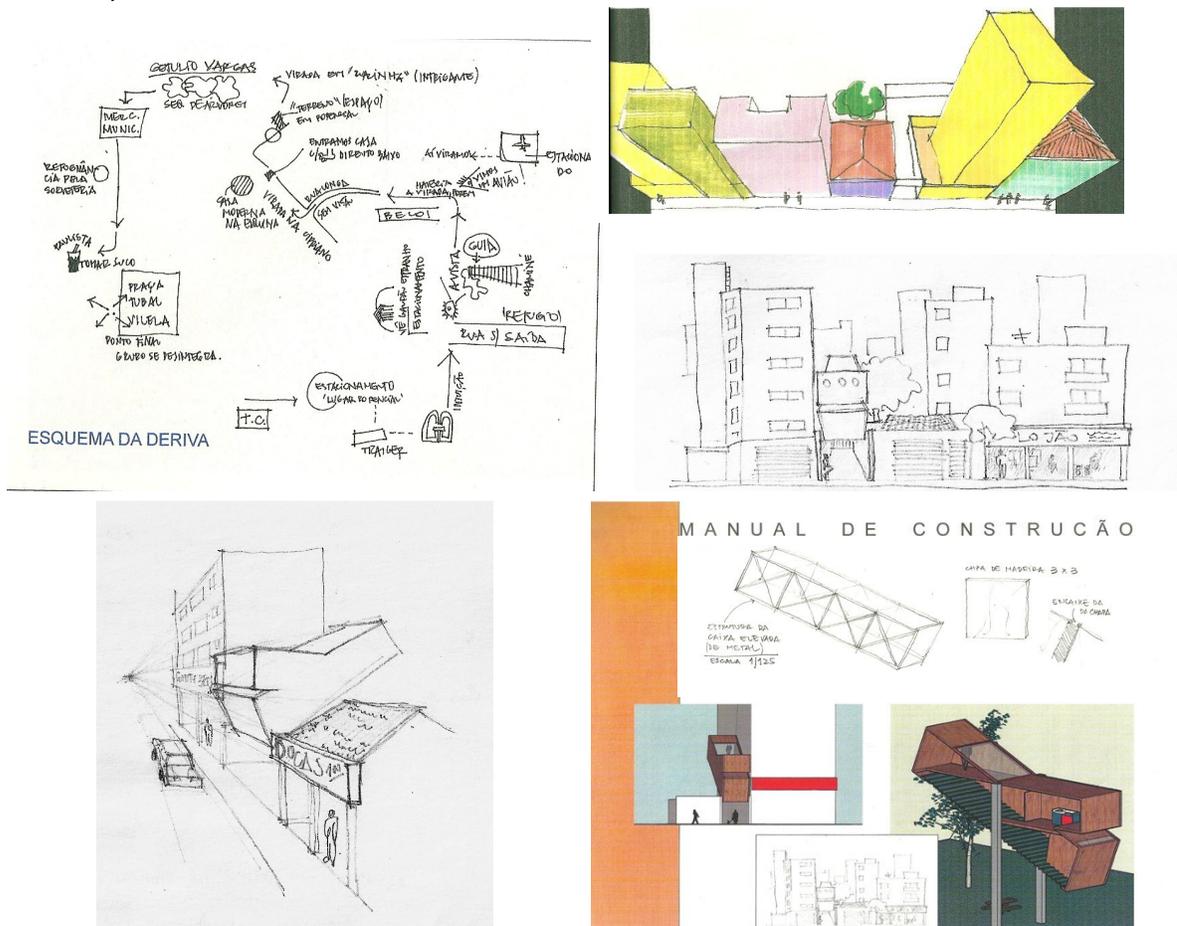


Figura 3: Exercício de Projeto – alunas: Elisa Azevedo Ribeiro e Juliana Santos Mamede Api Introdutório/FAUed/UFU/ 2008 - professora: Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro

5 . Considerações finais

A proposição, no mesmo ateliê, de dois processos de raciocínios de projeto tão antagônicos tem como objetivo justamente reconhecer o valor de ambos; da justa solução de uma espacialidade se resolve, identifica e descobre as questões funcionais, técnicas e sociais e da justa preocupação social, funcional e técnica resolve-se as questões plásticas e espaciais. O primeiro parte de uma relação de um conhecimento plástico de uma estrutura já configurada e o segundo parte de uma relação de um conhecimento social e urbano real para gerar uma resposta - o projeto. Nesses dois exercícios a lógica de pensar o projeto fica invertida, neles o conhecimento irá problematizar uma situação.

Agradecimentos:

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Referências Bibliográficas:

BROWNE, Enrique - *Ler plantas e aprender arquitetura*. In Projeto Design, São Paulo, Arco Editorial, julho 1996, págs 86 a 96.

COSTA, Lucio – *Lúcio Costa: Registro de uma vivência*, São Paulo: Empresa das Artes, 1995

CHAUÍ, Marilena - *Janela da Alma, Espelho do Mundo* in NOVAES, Adauto (org) “*O olhar*”, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LEATHERBARROW, David – *Uncommon ground – architecture, technology, and topography*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2002.

LEUPEN, Bernard (org). - *Proyecto y análisis – evolución de los principios en arquitectura*, Barcelona: Ed. GG, 1999

NESBITT, Kate (org.) – *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*, São Paulo: Cosac Naify, 2006

PIÑÓN, Helio – *Teoria do Projeto*, traduzido por Edson Mahfuz, Porto Alegre Livraria do Arquiteto, 2006.

ⁱ Padre Antônio Vieira in CHAUÍ, Marilena - *Janela da Alma, Espelho do Mundo* in NOVAES, Adauto (org) “*O olhar*”, São Paulo: Cia das Letras, 1998, pág. 12.

ⁱⁱ Leonardo Da Vinci in CHAUÍ, Marilena - *Janela da Alma, Espelho do Mundo* in NOVAES, Adauto (org) “*O olhar*”, São Paulo: Cia das Letras, 1998, pág. 10.

ⁱⁱⁱ Platão in CHAUÍ, Marilena - *Janela da Alma, Espelho do Mundo* in NOVAES, Adauto (org) “*O olhar*”, São Paulo: Cia das Letras, 1998, pág. 11.